

A LITERATURA NEGRA PARA INFÂNCIAS DE AUTORIA FEMININA COMO UMA EXPERIÊNCIA DE RESSIGNIFICAÇÃO ESTÉTICA DECOLONIAL

THE BLACK-FEMALE LITERATURE FOR CHILDHOODS AS AN EXPERIENCE OF DECOLONIAL AESTHETIC RESIGNIFICATION

Patrícia Barros Soares Batista ¹

Universidade Federal de Minas Gerais

Francisca Isabel Pereira Maciel²

Universidade Federal de Minas Gerais

Elizabeth da Penha Cardoso ³

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: Historicamente a literatura infantil, assim como as demais produções artístico-culturais socialmente valorizadas, contribuiu para fortalecer narrativas hegemônicas, pautadas na lógica colonial em que modos outros de ser, foram subalternizados. No Brasil, especialmente após a promulgação da Lei 10.639/2003, fruto da luta histórica do movimento negro, houve uma ampliação da criação e da circulação de produções literárias que assumem a valorização e o reconhecimento da diversidade étnico-racial como elementos potencializadores das obras, destacando-se o ecoar plural das vozes e das vivências de mulheres negras. Neste trabalho, buscamos evidenciar a literatura negra para infâncias de autoria feminina como uma experiência de resignificação estética decolonial. Para tanto, optamos pela análise da obra “Betina”, obra de Nilma Lino Gomes, um marco literário no que se refere à valorização das estéticas negras. A partir da interlocução com o campo de estudos sobre literatura, raça e gênero (Cardoso, 2023; Debus, 2017; hooks, 2020; Kilomba, 2019), infância (Cademartori, 2010; Andruetto, 2012; Nikolajeva, 2023) e estudos decoloniais (Quijano, 2009; Mignolo, 2008; Pinheiro, 2023) à luz do conceito de experiência (Larrosa, 2002) e estética negra (Gomes, 2008), evidenciamos aspectos relacionados à materialidade e à discursividade numa perspectiva crítica à colonialidade do ser, do saber e do poder. A referida obra revela princípios éticos e estéticos da negritude, tendo como fio condutor a resistência, tecida a partir de elementos como memória, afeto e ancestralidade. Concluimos que a literatura de autoria negro-feminina se configura como uma potência insurgente de desobediência epistêmica, pautada em matrizes de pensamento em que existências invisibilizadas, como é o caso das mulheres negras, assumem o protagonismo em relação à decolonialidade de identidades e saberes afrodiaspóricos. Contribuindo, assim, para a descolonização do campo literário das infâncias, rompendo com a lógica racista da outremização de pessoas negras.

Palavras-chave: Literatura para infâncias; literatura negra; autoria feminina negra; descolonização; literatura infantil.

¹ Doutoranda em Educação, Centro Pedagógico da UFMG. Email: patriciab.ufmg@gmail.com

² Doutora em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Email: emaildafrancisca@gmail.com

³ Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Email: elizabethpenhacardoso@gmail.com

Abstract: Historically, children's literature, as well as other socially valued artistic and cultural productions, contributed to strengthen hegemonic narratives, based on colonial logic in which other modes of being were subordinated. In Brazil, especially after the promulgation of Law 10.639/2003, fruit of the historical struggle of the black movement, there was an expansion of the creation and circulation of literary productions that assume the appreciation and recognition of ethnic-racial diversity as potentializing elements of works, highlighting the plural echo of the voices and experiences of black women. In this work, we seek to highlight the black literature for infancy of female authorship as an experience of decolonial aesthetic resignification. Therefore, we opted for the analysis of the work "Betina", by Nilma Lino Gomes, a literary landmark in relation to the appreciation of black aesthetics. From the interlocution with the field of studies on literature, race and gender (Cardoso, 2023; Debus, 2017; hooks, 2020; Kilomba, 2019), childhood (Cademartori, 2010; Andruetto, 2012; Nikolajeva, 2023) and decolonial studies (Quijano, 2009; Mignolo, 2008; Pinheiro, 2023) in light of the concept of experience (Larrosa, 2002) and black aesthetics (Gomes, 2008), we highlight aspects related to materiality and discursivity from a critical perspective on the coloniality of being, knowledge and power. This work reveals ethical and aesthetic principles of blackness, having as a guiding thread the resistance, woven from elements such as memory, affection and ancestry. We conclude that black-female authored literature is configured as an insurgent power of epistemic disobedience, based on thought matrices in which invisible existences, such as the case of black women, assume the protagonism in relation to the decoloniality of afrodiphoric identities and knowledges, thus contributing to the decolonization of the literary field of infancy and to break the racist logic of the outremization of black people.

Keywords: Literature for infancy; black literature; black female authorship; decolonization; children's literature.

Submetido em 1 de fevereiro de 2026.

Aprovado em 21 de julho 2026.

Palavras iniciais

Aprendi a ver na casa da minha mãe. Aprendi a como não ver na casa da minha mãe.
(...) Aprendi a ver em ângulos discretos, planos, em tramas (...)
Minha mãe me presenteou com amor pela beleza, amor pelas palavras. Ela me deu todos os livros de autoria Negra que pôde encontrar e, segundo sua prática, os aniversários sempre incluíam presentes para o corpo, presentes para a mente e presente para a alma.

(Sharpe, 2023a, p. 40)

Aprender a ver exige uma lente crítica para capturar aquilo que está além da superfície, questionando o que é histórico e socialmente aceito e valorizado. No atual

contexto em que vivemos, marcado pela colonialidade, “matriz ou padrão colonial de poder” (Mignolo, 2017, p. 13), um dos elementos constitutivos e específicos de poder da modernidade capitalista (Quijano, 2009), é preciso não apenas olhar, mas, enxergar, sob diferentes ângulos e planos, a realidade, posicionando-se de maneira crítica diante do enredamento político, social e cultural que tem sido alinhavado no decorrer da história. Buscando interpretar, avaliar e compreender contextos subjacentes ao “ruído da precariedade estrutural” (Sharpe, 2023a, p. 72) que marginaliza racialmente determinados corpos e vidas dada “a hegemonia da branquitude patriarcal e o racismo estrutural” (Tenório, 2021, p. 9) resultante de “uma sociedade marcada pela colonialidade” (Tenório, 2021, p. 9).

Para Bárbara Pinheiro (2023), o conceito de colonialidade remete a um “padrão subjetivo de rebaixamento existencial dos povos tidos como colonizados frente aos intitulados colonizadores” (Pinheiro, 2023, p. 25). Segundo Walter Mignolo (2017), a colonialidade é “um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade” (Mignolo, 2017, p. 13).

Diante deste cenário, acreditamos na literatura como um profícuo caminho de desobediência epistêmica (Mignolo, 2003) que contribui para a valorização de existências historicamente negadas (Kilomba, 2019). Nesse sentido, a literatura negra de autoria feminina traz para o texto literário “atitudes e práticas que colocam a experiência de ser e estar mulher negra no Brasil e todos os seus problemas como motivo e projeto da produção literária, o que culmina em uma desobediência epistêmica” (Souza; Carvalho, 2023, p. 2). Souza; Carvalho (2023), evidenciam a poética insurgente na produção literária destinada às crianças e assinada por mulheres negras, que partem de um local de fala racializado, que segundo os autores:

torna-se uma poética insubmissa ao conjugar o que elas realizam por meio de seus projetos literários e como contribuem, ao mesmo tempo que cunham um escopo teórico e analítico pelo do qual se viabilizam categorias e dispositivos que servem de subsídio para refletir sobre tais temáticas e suas poéticas (Carvalho; 2023, p. 2).

A literatura como um “direito do ser e de ser” (Piauí, 2024, p. 59), ao permear lugares distintos de enunciação sob a ótica artística e cultural, pode atuar dilatando e ampliando as possibilidades de nossa humanização através do movimento de constituir

outras percepções sobre nós e sobre os demais sujeitos que habitam o mundo. Numa perspectiva descolonizadora, a experiência literária abre-se a horizontes de pensamentos, saberes e percepções identitárias plurais, tendo em vista que a literatura “não é necessariamente o lugar onde encontrar o igual, às vezes é a única janela para se debruçar sobre o diferente” (Andruetto, 2012, p. 75). Na produção literária negra para infâncias, o livro torna-se, assim, um “território seguro para a existência de pessoas negras, onde crianças negras podem ter o direito de se ver nas suas potências” (Luz, 2024, p. 127).

Sendo a literatura considerada como um direito humano (Candido, 2023), é necessário, portanto, tomar como premissa um olhar crítico sobre as produções literárias endereçadas ao leitor infantil. Neste âmbito, a literatura negra para infâncias pode ser compreendida como uma experiência decolonial pautada no protagonismo de existências, estéticas, discursos e culturas tecidas por fios de resistência, porém, por muito tempo feitos silentes e invisibilizados no transcorrer da história. Acreditamos que essa literatura fortalece plurais formas de saber, de ser e de poder sob ângulos diferentes, tecendo tramas ancestrais de sabedoria, força, beleza e sensibilidade.

Tal como assinala Christina Sharpe (2023b), encontramos na literatura racialmente adjetivada, palavras e imagens para dar sentido à existência negra em uma paisagem de mundo marcada pela antinegitude (Sharpe, 2023b), que, segundo a autora, não se restringe apenas a atos individuais de racismo, sendo a própria base sobre a qual a humanidade e a civilização moderna se definiram, dispondo as pessoas negras como excluídas do humano, ao mesmo tempo em que são necessárias para a constituição dessa definição, a partir de uma relação de outremização ou outridade (Fanon, 2008; Kilomba, 2019). A outridade é um processo colonial com bases racistas no qual o sujeito branco se coloca como a norma, posicionando as pessoas negras como o/a outro/a “através de um processo de absoluta negação” (Kilomba, 2019, p. 38).

Por muito tempo, pessoas negras foram representadas como sendo o/a outro/a na literatura para infâncias do Brasil como se pode notar, por exemplo, no modo como a personagem negra “Tia Anastácia” é representada na obra de Monteiro Lobato, considerado o pioneiro da literatura infantil brasileira. Entretanto, o título de “principal expoente da literatura infantil brasileira” tem sido refutado por estudos e pesquisas como os de Elizabeth Cardoso (2023), que evidencia como precursor e integrante da fundação da literatura infantil e juvenil brasileira o escritor negro Gonçalves Crespo (1846-1883), cuja obra “Contos para nossos filhos” (1896), antecede em décadas as

produções lobatianas, dado que a primeira obra infantil publicada pelo escritor foi “A Menina do Narizinho Arrebitado, no ano de 1920.

Este panorama de apagamento do protagonismo negro vem sendo, cada vez mais, questionado e paulatinamente mudando no Brasil, em função da luta histórica do movimento negro, que segundo Gomes (2017) atua como um ator político e educador. No campo educacional, as lutas por emancipação culminaram na promulgação da Lei 10.639/2003 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei no 9.394/1996, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todas as modalidades de ensino de escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio⁴.

Considerando a forte relação entre literatura e educação (Cademartori, 2010), a partir desse marco legal houve uma ampliação da criação e da circulação de produções literárias que assumem a valorização e o reconhecimento da diversidade étnico-racial como elementos que potencializam artisticamente as obras, destacando-se o protagonismo feminino nas narrativas verbo-visuais, na autoria e nas ilustrações. Abrindo-se aí, potentes frestas para a valorização de experiências de corpos femininos racializados.

Neste trabalho, buscamos evidenciar a literatura negra para infâncias de autoria feminina como uma experiência de ressignificação estética decolonial. Metodologicamente analisamos a obra “Betina”, da intelectual e escritora negra brasileira Nilma Lino Gomes, ilustrado por Denise Nascimento e publicado pela editora Mazza em 2009. Trata-se de um marco literário no que se refere à valorização da estética da negritude, cuja trama é inspirada na história real da cabelereira mineira especializada em cabelos crespos cujo nome é homônimo ao título da obra em questão. Para tanto, inspiradas em Nicolajeva; Scott (2011) que consideram palavras e imagens como elementos que se abrem a “uma diversidade de leituras e interpretações” (Nicolajeva; Scott, 2011, p. 33), realizamos a análise dos textos verbais e imagéticos. Tal escolha se deu por compreendermos que no objeto livro pode haver mais de um tipo de relação texto-imagem e por considerar as narrativas de autoras negras como um território fértil “para experimentações narrativas que combinam palavras e imagens, em um complexo sistema literário” (Navas; Almeida, 2024, n. p.).

⁴ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

A partir da interlocução com o campo de estudos afrocentrados sobre literatura negra, raça e gênero (Cardoso, 2023, 2024; Sharpe, 2023; Cuti, 2010; Debus, 2017; hooks, 2020; Kilomba, 2019; Akotirene, 2019), estudos sobre literatura e infância (Cademartori, 2010; Andruetto, 2012; Nikolajeva, 2023), e estudos decoloniais (Quijano, 2009; Mignolo, 2008; Maldonado-Torres, 2022; Pinheiro, 2023) à luz do conceito de experiência (Larrosa, 2002) e estética negra (Gomes, 2008), evidenciamos aspectos relacionados à materialidade e à discursividade numa perspectiva crítica à colonialidade do poder, do ser e do saber.

A primeira seção do artigo dedica-se a uma breve reflexão sobre as origens da literatura infantil, apresentando uma justificativa para a escolha do termo literatura para infâncias, por entender a concepção política que a pluralização do termo infância traz consigo, além disso, discutimos sobre o conceito de colonialidade e apresentamos argumentos que vinculam a produção literária endereçada ao leitor infantil à lógica colonial eurocêntrica. Na segunda seção, tecemos considerações sobre a literatura negra de autoria feminina como uma experiência de resignificação estética que contribui para a descolonização do saber, do ser e do poder, a partir da análise de uma obra que enfatiza modos afropoéticos de apresentar a relação familiar entre neta e avó. Nas considerações finais, destacamos os argumentos pautados na memória, afeto e ancestralidade que evidenciam a literatura negro-feminina para infâncias como uma potente possibilidade de romper a lógica racista da outremização de pessoas negras.

1. Literatura, infâncias e colonialidade

Historicamente, a literatura infantil⁵ forjou-se a partir de fins moralizantes e pedagógicos (Cademartori, 2010), tendo em vista a compreensão da criança como um ser a ser moldado, cabendo à literatura, então, instruir moralmente e socialmente sujeitos crianças. Tal aspecto emergiu da modernidade, dado que diversos estudos do campo da sociologia história e da história da infância, dos quais destacamos aqui Ariès (1981), apontam que foi apenas a partir do século XVI que as crianças começaram a ser percebidas como sujeitos sociais. Assim, a infância que atualmente conhecemos não é

⁵ Segundo Fúlvia Rosenberg (2010), a ideia de uma literatura infantil e juvenil é bem mais recente que a de literatura, sem adjetivação de endereçamento. Sendo a partir do século XVII, que a produção literária para as crianças surge com a publicação de *Fábulas* e *As Aventuras de Telêmaco*, ambas escritas pelo escritor e teólogo francês François Fénelon (1651-1715).

um dado atemporal, é uma invenção moderna. Ao discutir “as idades da vida”, Ariès (1981) nos mostra que a consolidação de um significado moderno para o termo infância ocorre apenas em meados do século XVII. Até então havia uma indiferenciação oriunda de uma visão que concebia uma continuidade cíclica e inevitável entre as diferentes idades.

Mesmo diante dos grandes avanços que se deram nos diferentes campos de estudo relacionados à infância, o viés pedagogizante das obras em detrimento da fruição estética e da criticidade inerentes ao literário (Cademartori, 2010), ainda se mantém fortemente presentes em muitas das produções até os dias de hoje, revelando uma concepção limitada sobre infância e criança como um vir a ser e não como sujeitos sócio-históricos e culturais de direitos, que produzem cultura e por ela são produzidos (Kramer, 2006). Pode-se dizer então, que o campo de produções literárias para infâncias é alicerçado pela aetonormatividade, termo utilizado por Maria Nikolajeva (2023), ao referenciar como a literatura e as narrativas endereçada às crianças impõem uma norma determinada pelo adulto, tendo em vista a “normatividade adulta que governa a maneira como a literatura infantil foi padronizada desde o seu nascimento até os dias de hoje” (Cardoso, 2023, p. 11), assim, “a literatura infantil é um reflexo do status da infância que a sociedade produz” (Zornado *apud* Cardoso, 2023, p. 8).

O termo infância é aqui pluralizado por compreendermos a multiplicidade de formas pelas quais “as crianças são compreendidas em seus modos singulares de participar do mundo, por meio de processos constantes de (re)elaboração de sentidos e atribuição de significados sobre suas percepções, sentimentos e experiências, considerando suas origens étnico-raciais, de classe, entre outros aspectos” (Batista; Silva, 2025, p. 72).

Juliana Piauí (2024) nos provoca a pensar na polissemia presente nas múltiplas palavras relacionadas ao ser criança: erê, Ibeji, bacuri, gir e cria são algumas das expressões de origem africana, indígena e popular presentes no Brasil e suscitam a produção de concepções de infância que sugerem “os lugares ocupados pelas crianças nas culturas das quais fazem parte e representa múltiplas formas de ser e estar no mundo” (Piauí, 2024, p. 69). Segundo a autora, essa multiplicidade de termos e concepções atuam diretamente no “florescimento das literaturas negras e indígenas para crianças” (Piauí, 2024, p. 70), o que nos revela que é preciso ir além da ideia de literatura “como propriedade de alguns poucos que se arrogam o direito e poder de falar, contar, narrar e

fabular para o *resto* e em nome do *resto*” (Piauí, 2024, p. 70, grifos da autora).

Assim, a literatura para infâncias deve ser, tal como abaliza Coelho (2000), antes de tudo, literatura, arte, dado ser fenômeno de criatividade que representa o mundo, a humanidade e a vida, através da palavra, fundindo sonhos e vida prática, imaginário e real, ideais e sua possível/impossível realização. Ainda segundo a autora:

Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse "modo" é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta...). (Coelho, 2000, p. 28-29)

Reconhecer que diferentes vozes devem constituir os discursos presentes na produção literária endereçada aos leitores infantis pode ser “uma forma profícua de evidenciar o protagonismo social e cultural das crianças, considerando as diferentes dimensões e modos de vida desses sujeitos” (Batista; Silva, 2025, p. 66). Por isso, optamos pelo uso da renomeação do gênero literário para “literatura para infâncias”, em sua forma pluralizada, dado que as infâncias se vinculam “ao estado de criação, imaginação e invenção que pertence a todos, independentemente da idade cronológica” (Cardoso, 2024, p. 18).

Somando-se a isso, dadas as suas origens europeias, a produção literária endereçada às infâncias, calcou-se em um viés predominantemente eurocêntrico, em que saberes e modos outros de ser foram subalternizados (Césaire, 2020), em função da ausência da diversidade étnico-racial e cultural, evidenciando, deste modo, o racismo presente no campo literário, dado o processo de colonização (Pinheiro, 2023).

Houve a fragmentação de identidades por meio da inferiorização de determinadas existências diante da hierarquização de valores, visto que, tal como afirma Oliveira (2016, p. 314): “aquele que antes era sujeito de sua própria história, com suas crenças e seus valores, vê-se violentamente obrigado a assumir a história do outro como sendo a válida”. Ainda segundo o autor, diante dessa nova situação, “surge o sujeito de identidade fragmentada, inferiorizado diante da nova realidade que se apresenta.” (Oliveira, 2016, p. 314).

Tal fragmentação se deu em função da colonialidade, um fenômeno histórico e cultural que teve sua origem no colonialismo e que, mesmo com o fim desse sistema, entendido como a dominação territorial, política e econômica (Mignolo, 2003), mantém

viva “a lógica de relações coloniais de poder entre saberes e modos de vida que, com base na hierarquização territorial, racial, epistêmica, cultural e de gênero” (Lima; Lima, 2025, p. 3).

Para Oliveira (2016), a colonialidade produz subalternidade e suprime conhecimentos, experiências e formas de vida dos/as colonizados/as, que tem sua humanidade subtraída em função do processo de “coisificação” (Césaire, 2020) em que “relações de dominação e submissão transformam o homem colonizador em peão, em capataz, em carcereiro, em açoite, e o homem nativo em instrumento de produção” (Césaire, 2020, p. 24), esvaziando pessoas e sociedades de si mesmas, pisoteando culturas, solapando instituições, destruindo magnificências artísticas e suprimindo possibilidades extraordinárias de vida e atuação no mundo (Césaire, 2020).

O apagamento e silenciamento de saberes e modos de vida de povos e sociedades não europeias oriundo da colonialidade definiu a inferiorização dos povos africanos, das populações indígenas, entre outros grupos étnicos, em função do padrão de poder criado tendo como eixo central o conceito de raça, “forjada com a descoberta e colonização da América.” (Lima; Lima, 2023, p. 3). Há assim, de acordo com Aimé Césaire (2020), uma relação intrínseca entre a modernidade capitalista “civilizada” e o racismo, assentada na hierarquização racial.

Nessa direção, Nilma Gomes (2001) afirma que as relações sociais ocorrem a partir da racialização, dado que esse imaginário “possibilitou a incorporação de teorias raciais repletas de um suposto cientificismo que por muito tempo atestaram a inferioridade das pessoas negras, a degenerescência do mestiço, o ideal do branqueamento, a primitividade da cultura negra e a democracia racial” (Gomes, 2001, p. 88).

Fortemente presente na organização hegemônica mundial, o movimento colonizador perpetua a reprodução e a manutenção das relações de dominação ao longo do tempo, nas diversas esferas da vida social, sendo, necessário, portanto, repensar a colonialidade nas mais distintas esferas, dentre as quais destacaremos neste trabalho a literatura para infâncias. Cabe, então, interrogar-nos constantemente sobre a autoria, personagens, tramas e contextos presentes nas obras e como estes elementos contribuem para interpretar e compreender a nossa realidade, assumindo uma postura decolonial.

Diante do cenário sócio-político e cultural atravessado pela lógica colonial, a literatura, expressão artística que compreende “todas as criações de toque poético,

ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura” (Candido, 2023, p. 189), se constitui importante instância discursiva, pois atua na formação do imaginário das pessoas (Cuti, 2010), se configurando, portanto, como uma potente experiência política ao reconhecer a diversidade de modos de existir. Contudo, se por um lado a literatura tal como assinala Candido (2023), pode humanizar em seu sentido profundo à medida que “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (Candido, 2023, p. 190), podendo, então, contribuir para romper com a lógica colonial que invisibiliza histórias, silencia vozes e inferioriza corpos, abrindo espaço para que colonizados/as possam falar (Kilomba, 2019), por outro lado, pode contribuir para fortalecer a colonialidade, ao determinar que vozes podem ou não ecoar, desumanizando determinadas existências perpetrando o racismo através da negação de algumas existências (Kilomba, 2019).

Por meio das múltiplas visões de mundo presentes nas produções literárias expressas por meio da palavra, torna-se possível à sociedade questionar-se, aprimorar o seu senso ético e estético a partir da reflexão sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, tendo em vista que o mundo somos nós, pois “é um lugar do qual fazemos parte, não um lugar fora” (Eagleton, 2024, p. 269). Tal como Eagleton, neste artigo, entendemos a palavra texto em sua acepção de tecitura, “no sentido de um tecido formado por muitos fios entrelaçados” (Eagleton, 2020, p. 112), isto é, como uma trama de ideias organizadas por meio da linguagem. A linguagem é aqui compreendida “todos os modos de comunicação, em sons, imagens e palavras” (Hunt, 2010, p. 37). Assim como Navas e Almeida (2014), entendemos que a produção literária narrativa para infâncias “pode ser uma arte composta por uma multiplicidade de linguagens, como um tecido de poéticas que produzem, em conjunto, um único texto, formado por seus entrelaçamentos” (Navas; Almeida, 2024, n.p.).

A falta de representatividade ou a representação estereotipada historicamente presentes na produção literária para infâncias (Debus, 2017), evidencia a subalternização e o apagamento históricos que carregam em si marcas da colonialidade do poder (Quijano, 2005), compreendida como desdobramento sociopolítico do processo de colonialismo, conceito no qual o sociólogo peruano, inspirado nas contribuições do psiquiatra martinicano Frantz Fanon (2008) que compreende que a ideia de raça legitima as relações de poder, nas quais o racismo atua diretamente “na destruição dos valores culturais do grupo colonizado” (Martins, 2023, p. 178). Evidencia também a colonialidade do ser e

do saber (Mignolo, 2010) que apaga histórias, suprime subjetividades, e subalterniza linguagens e conhecimentos em função da premissa totalizante da modernidade e racionalidade.

Nessa perspectiva, o filósofo porto-riquenho Maldonado-Torres (2022), aponta que a modernidade produziu uma desqualificação epistêmica do outro. Tal desqualificação representa uma tentativa de negação ontológica aos modos de ser e conceber o mundo. O que revela que “a identidade e a atividade (subjetividade) humana também produzem e se desenvolvem dentro de contextos que têm funcionamentos precisos de poder, noções de ser e concepções de conhecimento” (Martins, 2023, p. 179).

Destacamos ser fundamental considerar, também, a perspectiva de gênero, dado que a socióloga argentina María Lugones (2020) afirma que os corpos são atravessados interseccionalmente por diferentes formas de opressão que abarcam elementos como raça, gênero, classe, sexualidade, entre outros, e ter consciência dessas correlações é necessário para problematizar a dicotomia fundante das bases coloniais: a (des)qualificação entre o humano (colonizador) e o não humano (povos indígenas, povos africanos escravizados), sempre atravessada por elementos interseccionais.

2. A literatura negra para infâncias de autoria feminina como experiência estética que descoloniza o ser, o saber o poder

A literatura é uma experiência de sentido, pois a experiência “não significa ampliar o conceito de compreensão, esse que nos indica que o modo mais adequado de relação com o texto é tentar compreender seu sentido, mas faz explodir qualquer modalidade canônica e historicamente construída de relação com o texto” (Larrosa, 2002, p. 21). Apesar dos muitos esforços da modernidade de afastar a subjetividade e a ambivalência, refletindo a lógica monolítica e impessoal na explicação da vida e dos acontecimentos, a experiência permanece fortemente vinculada à ordem subjetiva, pessoal e intransferível. Para o autor, “[...] experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que se acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, nada nos acontece” (Larrosa, 2002, p. 21).

Comprendemos a literatura como experiência, isto, é, como um atravessamento, como algo que nos acontece. Nesse sentido, a literatura negra pode ser compreendida como uma experiência de resignificação, tomando-a como um acontecimento que deixa

marcas decoloniais no sujeito, as quais participam de sua formação e sua transformação. Assim, a literatura negra para infâncias de autoria feminina configura-se como experiência estética singular, onde a arte literária se entrelaça com a vivência, a ancestralidade e a resistência político-cultural do eu negro enunciador. Nesse sentido,

A literatura negra para crianças – na singularidade de cada obra e naquilo que se aproxima enquanto corpus literário – constitui importante campo enunciativo da literatura e dos estudos críticos literários contemporâneos. Ela introduz temas, dilemas, contradições, perspectivas sociais, culturais, estéticas, simbólicas, espirituais e afetivas que remodelam as fibras da literatura brasileira para crianças, de um jeito que ela já não pode ser identificada a partir de uma representação e subjetividade única e universalizante de infância (Piauí, 2024, p. 79).

Ainda segundo a autora, olhar para a literatura negra para crianças como um amplo e diverso acervo humano permite “entender o quanto ela evoca um campo enunciativo que traz uma pluralidade de vozes, experiências e expressões, as quais, durante muito tempo, foram invisibilizadas” (Piauí, 2024, p. 78). Souza; Freitas, (2018, p. 198) afirmam que a “literatura negro-brasileira contemporânea pode ser vista como umas das áreas mais profícuas para materializar a decolonialidade, pois, de maneira crescente, negras e negros passam a se autorrepresentar, autoficcionalizar e ficcionar suas realidades e as dos outros que, ao mesmo tempo em que são individuais, servem para o coletivo”. Walter Mignolo (2008) denomina tais ações como uma imperiosa ‘desobediência epistêmica’, uma estratégica resistência pautada nos saberes emancipatórios e estético-corpóreos das populações afrodiáspóricas e ameríndias, questionando a lógica binária, racista e sexista predominante em nossa sociedade ocidental. Deste modo, a partir de epistemologias decoloniais, subjetividades, narrativas e repertórios outros podem ser reconhecidos e assumidos

como estratégia de afirmação ontológica, política e epistemológica ‘desde’ o lugar de enunciação da experiência vivida dos povos subalternizados. Acionada essa potência, visa-se subverter a ordem monocultural pelas encruzilhadas abertas, pluriversais e fronteiriças dos saberes e conhecimentos. Aquilo que as práticas educativas decoloniais e a educação intercultural propõem como um outro pacto civilizatório e epistêmico ‘desde’ o Sul (Reis, 2020, p. 10).

Dessa forma, a autoria feminina na produção literária para infâncias, rompe com colonialidade tradicionalmente presente na literatura brasileira — na qual o negro era frequentemente o "Outro", o objeto de descrição — para colocar a negritude como uma

experiência estética decolonial. Para tanto, torna-se fundamental ancorarmo-nos no conceito de interseccionalidade. Aqui nos inspira a perspectiva da intelectual negra Carla Akotirene (2019), que através de um olhar crítico sobre as diversas camadas de desigualdades, as utiliza como uma ferramenta que permite entender “(...) quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão (...)” (Akotirene, 2019, p. 19).

De acordo com Reis (2020), as marcas inventivas das identidades diaspóricas e de povos originários “reverberam nas práticas, nos sistemas simbólicos e na pluralidade dos discursos que resistem à monologia e ao monolinguismo do projeto moderno/colonial, que organiza diferenças e desigualdades entre os povos” (Reis, 2020, p. 9-10). Para romper com essa perspectiva da colonialidade, Reis (2020), propõe a lógica do mundo diaspórico, um “mundo no qual o corpo não é apenas o objeto do qual se fala, mas o *lócus* de enunciação a partir do qual os saberes e os discursos são produzidos, vivenciados e partilhados” (Reis, 2020, p. 10). Para o autor, ações decoloniais “reivindicam justamente a afirmação identitária, indissociável da corporeidade e da experiência vivida, em resposta à colonialidade do ser, do poder e do saber” (Reis, 2020, p. 10).

Tendo como referência a estética negra, compreendida por Nilma Gomes (2008) como um instrumento político de resistência, identidade e ressignificação do corpo negro, superando a desumanização histórica de sujeitos negros dados os padrões hegemônicos de beleza. E, compreendendo as produções literárias negro-femininas como possibilidades de ressignificação da colonialidade do ser, do saber e do poder, a partir de elementos centrados como resistência, memória, afeto, ancestralidade, apresentamos a seguir a análise de “Betina”, uma obra negro-feminina, tendo em vista que foi escrita pela

professora e intelectual brasileira, Nilma Lino Gomes⁶, ilustrada por Denise Nascimento⁷ e publicada pela editora Mazza no ano de 2009. Destacamos que a Mazza é editora fundada Maria Mazarello Rodrigues, conhecida como Mazza, uma das primeiras mulheres negras a se formar em jornalismo pela UFMG, que na década de 1980 buscou criar um espaço de aquilombamento literário, de acolhimento da intelectualidade negra, de insurgência dentro do mercado editorial, se tornando referência nacional e internacional no tocante à publicação de autores/autoras negro(a)s e de livros que abordam os diversos aspectos da cultura afro-brasileira⁸.

Para Belmiro (2014), as imagens se constituem por signos visuais que compõem e ordenam nossas formas de ver e de reconhecer o mundo que nos cerca. Compreendendo que as imagens podem se constituir como discurso, uma vez que transmitem mensagens, ideias e diferentes significações semânticas e ideológicas. Tal como no discurso verbal, as imagens não são neutras, carregam valores, ideias e crenças capazes de reforçar ou interrogar estruturas de poder. Assim, buscando evidenciar, esteticamente, a força ancestral da imagem, primeiramente apresentaremos a autora, a ilustradora e a editora citadas anteriormente, por entender que a demarcação visual do protagonismo negro-feminino nas produções literárias configura-se como um modo de se opor à ótica colonial que invisibiliza mulheres como potências intelectuais.



⁶ Nilma Lino Gomes é professora emérita da UFMG e intelectual brasileira, notadamente reconhecida por sua atuação no campo das relações raciais na educação. Foi a primeira mulher negra a reitorar uma universidade federal no Brasil (UNILAB) no ano de 2013) e ministra das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015-2016). Recebeu em 2024 o Prêmio UNESCO de Educação para Transformação Social. Fonte: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/nilma-lino-gomes#:~:text=Pedagoga%20e%20antrop%C3%B3loga%20social%20que,de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20para%20Transforma%C3%A7%C3%A3o%20Social>. Acesso em 22 jan. 2026.

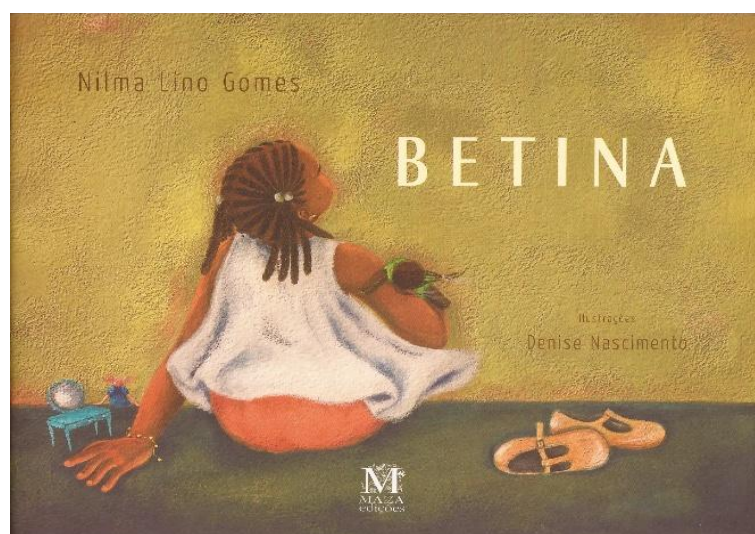
⁷ Denise Nascimento é designer, graduada pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Desde 1998 se dedica também à ilustração de livros para crianças e adolescentes. Fonte: https://mazzaedicoes.com.br/dt_team/denise-nascimento/#:~:text=Denise%20Nascimento%20%C3%A9%20designer%2C%20graduada,livros%20para%20crian%C3%A7as%20e%20adolescentes. Acesso em 22 jan. 2026.

⁸ Disponível em: <https://mazzaedicoes.com.br/a-editora/>. Acesso em 30 jan. 2026.

A partir da relação de cuidado e carinho entre avó e neta negras, a narrativa afrocentrada apresenta a infância de Betina Borges, uma renomada cabelereira vasta experiência no cuidado de cabelos crespos, proprietária do Instituto Beleza Negra em Minas, um espaço especializado em cabelos crespos, cacheados e afros, que desde o ano de 1986 focaliza a valorização da estética negra, autoestima e identidade. A narrativa é tecida a partir da relação entre a protagonista e sua avó, uma mulher repleta de sabedoria ancestral, força e sensibilidade.

Betina, uma menina negra cônica de seu pertencimento racial e de sua beleza evidenciada, sobretudo, por meio de seus cabelos hábil e cuidadosamente trançados por sua avó, evidencia a descolonização do ser, através da valorização da sua estética conforme se pode notar já evidenciado na imagem da capa que apresenta Betina sentada de costas eretas e com a cabeça erguida, segurando uma boneca preta em seu braço direito, conforme se pode notar na figura 1.

Figura 1: Capa do livro Betina, de Nilma Lino Gomes e Denise Nascimento



Fonte: Editora Mazza

Visualmente, a grandeza e a beleza negra da criança protagonista são evidenciadas pelos cabelos habilmente trançados e penteados e pelo tamanho diminuto dos demais objetos que estão ao seu redor. O vínculo familiar é permeado por respeito e muito afeto, materializado por palavras e ações expressas no modo como a avó cuida da neta e

compartilha com ela vários saberes ancestrais enquanto trança os seus cabelos, conforme se pode notar na figura 2:

Figura 2: A avó trançando os cabelos de Betina



Fonte: Editora Mazza

Diferentemente do imaginário de dor, sofrimento e ausências historicamente associado às pessoas negras, em função do pensamento colonial ligado a passado escravagista, a trama apresenta uma relação repleta de amor. Para bell hooks (2020), o exercício do amor interior cria nos corpos uma reconexão com suas potências, resgatando outras formas de ver e experienciar a vida, ressignificando formas de existência ancestral. Hooks propõe uma ética amorosa e instiga-nos a pensar o amor e a valorização da existência de mulheres numa perspectiva em que amor não é considerado substantivo, mas sim, verbo. Assumindo-se, assim, como um ato político e revolucionário, por isso, “o pensamento feminista ensina a todos nós como amar a justiça e a liberdade, de maneira a nutrir e afirmar a vida” (hooks, 2020, p. 61). A relação amorosa entre avó e neta (figura 1) pode ser lida como evocação à ancestralidade da ética amorosa (hooks, 2020), que nos revela que a resistência se inscreve no afeto, no “carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança,” (hooks, 2020, p. 47).

Pode-se dizer que texto verbal e imagético evidenciam a descolonização do ser, à medida em que Betina mostra-se sempre feliz e satisfeita com a sua imagem, contrariando o que frequentemente acaba ocorrendo com muitas crianças negras, que, em função do mecanismo não apenas social, mas também psíquico de outremização, oriundo do racismo (Fanon, 2008), pessoas negras internalizam o olhar do colonizador, adotam o padrão

eurocêntrico de beleza e acabam sentindo-se profundamente inferiores, negando, muitas vezes o cabelo natural, “o mais visível estigma da negritude” (Kilomba, 2019, p. 126), adotando procedimentos de alisamento “numa tentativa de desracializar o sinal mais evidente da racialização” (Kilomba, 2019, p. 128). No excerto verbal e visual (figura 3) abaixo é possível notar como avó e neta evidenciam a valorização da negritude:

Quando a avó terminava o penteado, Betina dava um pulo e corria para o espelho. Ela sempre gostava do que via. Do outro lado do espelho, sorria para ela uma menina negra, com dois olhos grandes e pretos como jabuticabas, um rosto redondo e bochechas salientes, cheia de trancinhas com bolinhas coloridas nas pontas.
– Adorei essas, vó! Ficaram ainda mais diferentes! – gritava a menina, enquanto pulava no pescoço da avó, toda orgulhosa e contente ao mesmo tempo. (Gomes, 2009, p. 8)

Figura 3: O reflexo de Betina no espelho



Fonte: Editora Mazza

As ilustrações, realizadas por Denise Nascimento, são repletas de cores, texturas, força e delicadeza e conferem ao campo da visualidade um tom poético de reverência à memória ancestral, evidenciando por meio da visualidade, a afropoética (Cardoso, 2024) que habita as relações intergeracionais. A avó, ao buscar transmitir à neta os ensinamentos oriundos de sua experiência e o preparo para a partida rumo ao encontro de seus ancestrais, a fortalece para ser e para estar no mundo com maior sabedoria e reverência àqueles que vieram antes, conforme se pode observar na passagem que ilustra o diálogo que ambas têm sobre a ciclicidade da vida sob a lente enegrecida da ancestralidade:

O tempo foi passando e Betina foi crescendo. Sua avó foi envelhecendo... envelhecendo... Um dia, a avó falou com a netinha:

— Betina, sinto que, daqui a pouco tempo, vou me encontrar com os nossos ancestrais.

— Quem são os ancestrais, vó? Ih! Acho que já sei. É gente morta, né?

— Mais ou menos, querida! São pessoas que nasceram bem antes de nós e já morrem. Algumas nasceram aqui mesmo, no Brasil, e outras viviam numa terra bem longe, chamada África. Elas nos deixaram ensinamentos e muita história de luta. A força e a coragem dessas pessoas continuam até hoje em nossas vidas e na história de cada um de nós. (Gomes; 2009, p. 14)

Figura 4: A avó de Betina já idosa na companhia da Neta e de pássaros que representam a ancestralidade



Fonte: Editora Mazza

A tessitura verbal e visual, dialogam e visualmente e há potencialização semântica da descolonização do saber, ancorado na ancestralidade, tal como se pode observar na figura 4, em que, quando a avó dialoga sobre a sua partida e explica à neta o que são os ancestrais, a imagem revela as duas cercadas por grandes pássaros que sobrevoam terra e céu em movimentos contínuos. Os pontos luminosos ao redor dos pássaros e os riscos semicirculares na parte inferior da dupla de páginas podem ser compreendidos como possibilidades de ligação contínua traçando novas rotas espiralares de caminhos.

Diferentemente da ideia linear e hierárquica de tempo ocidental, fortemente presente na matriz de pensamento colonial, o tempo espiralar, tal qual assinala Leda Maria Martins (2021) entrelaça passado, presente e futuro em um movimento contínuo e simultâneo, dado que nas cosmovisões africanas a ancestralidade atua no presente, e a memória molda o futuro. Nesta perspectiva, começo, meio e fim não existe, o tempo espiralar entende o tempo como cíclico e circular. Como em uma espiral, o passado não ficou para trás, mas sim, presente regendo o agora e manifestado no corpo, morada da

memória, local onde rituais, performances e saberes ancestrais são constantemente atualizados (Martins 2021). A autora propõe o tempo espiralar para conceber a ancestralidade não como passado remoto, mas como presença viva e ativa, dado que o tempo "gira", carregando em si passado, presente e futuro simultaneamente, permitindo a transmissão de saberes através de performances em que “o gesto e a voz da ancestralidade encorpam o acontecimento presentificado, prefigurando o devir, numa concepção genealógica curvilínea, articulada pela performance” (Martins, 2021, p. 133).

Na obra de Gomes(2009), como oposição à lógica colonial do saber (Mignolo, 2008), podemos observar a “performance da sabedoria ancestral” na passagem que apresenta o final da vida da avó, Betina, queria acompanhá-la ao encontro de seus ancestrais, ao que a avó lhe ensina a dar prosseguimento aos seus passos por meio das tranças:

- Você tem que viver muito nesta terra, querida! E tem que ensinar muita coisa a outras pessoas. Quem sabe um dia você irá me encontrar! Mas, por enquanto, vai ficar por aqui, vivendo sua vida e fazendo muitas coisas interessantes. Mas, antes de partir, eu quero lhe deixar um presente. (...)
- Vou lhe ensinar a fazer tranças. (...)
- Mas, com uma condição. (...) Você vai trançar o cabelo de toda a gente, ajudando cada pessoa que chegar até você a se sentir bem, gostar mais de si, sentir-se feliz de ser como é, com o seu cabelo e sua aparência. (Gomes, 2009, p. 16)

A avó passou a ensinar a Betina a trançar os cabelos e ao se tornar adulta, Betina tornou-se cabelereira com foco nos cabelos crespos, embelezando e fortalecendo a autoestima de pessoas negras, tal qual sua avó lhe ensinara. Betina manteve viva a sabedoria ancestral de sua avó, mantendo a tradição da família, evidenciando uma “desobediência epistêmica” (Mignolo, 2008), aos padrões estético corpóreos coloniais buscando romper com as “associações violentas da negritude com o primitivismo e caos” (Kilomba, 2019, p. 132), resistindo ao “racismo epistêmico e às discriminações negativas” (Reis, 2020, p. 11).

Os diferentes elementos éticos e estéticos presentes em “Betina”, evidenciam uma oposição epistemologia à lógica hegemônica colonial que predominantemente atua nos regimes de pensamento. A narrativa ancora-se no afeto e na valorização de formas de pensar e sentir o mundo afrocentrados tendo a experiência estética e os vínculos ancestrais como modos de produzir saberes oriundos da experiência negra pautada.

Considerações finais

Concluímos que a literatura negra para infâncias de autoria negra revela-se como um potencial insurgente na contemporaneidade, confluindo em modos outros de ver e compreender o mundo, cuja raiz se pauta em matrizes de pensamento em que mulheres negras assumem o protagonismo do ser, do saber e do poder contribuindo, assim, para a descolonização da literatura para infâncias. A colonialidade presente atualmente em nossa sociedade, define relações, molda instituições e enrijece estruturas dominando os modos de pensar, compreender e intervir no mundo, fortalecendo relações de poder desiguais.

Por meio das tessituras verbais e visuais presentes na obra *Betina*, de Nilma Lino Gomes (2009), foi possível constatar que as narrativas endereçadas às infâncias, no plural, revelam plurais possibilidades éticas, estéticas e culturais, revelando princípios da negritude tais como memória, afeto e ancestralidade, tendo como fio condutor a resistência. Narrativas femininas afrocentradas como a obra em questão se configuram como insurgências epistêmicas e contribuem para a promoção da valorização da diversidade étnico-racial e fortalecendo a luta política pela descolonização das produções literárias endereçadas às infâncias, contribuindo para superar o racismo epistêmico presente em nossa sociedade (Gomes, 2017).

Ancoradas em saberes outros oriundos das experiências negras vividas numa sociedade ainda fortemente colonizada, arraigada na subalternização e apagamentos históricos, a autoria negro-feminina abre horizontes que podem nos construir como sujeitos capazes de darmos o necessário salto em busca do bem viver a partir da descolonização do nosso Ser. Nesse sentido, a literatura de autoria negro-feminina é uma experiência de ressignificação estética decolonial e se configura como uma potência insurgente de desobediência epistêmica na contemporaneidade, pautada em matrizes de pensamento em que existências femininas, historicamente invisibilizadas, assumem o protagonismo em relação ao ser, ao saber e ao poder contribuindo, assim, para a descolonização do campo literário das infâncias e para o fortalecimento das identidades negras e superação do racismo.

Betina e tantas outras produções de mulheres negras no campo literário das infâncias na contemporaneidade, evidencia a relevância das questões étnico-raciais atravessadas pela interseccionalidade entre raça e gênero como desobediência epistêmica e como um potente giro subjetivo que evidencia o protagonismo da negritude no campo das produções literárias para as infâncias, contribuindo para romper a lógica racista da

outremização de pessoas negras.

Referências

ANDRUETTO, Maria Teresa. Por uma literatura sem adjetivos. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

ADICHIE, C. N. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. São Paulo: Pólen, 2019.

ARIÈS, Phillipe. História social da infância e da família. Tradução Dora Flaskman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BATISTA, Patrícia Barros Soares. SILVA, Giane Maria. Infâncias, relações étnico-raciais e literatura: diálogos singulares e plurais a partir da obra “Da minha janela”, de Otávio Júnior. Revista Literatura em Debate, 2025. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/literaturaemdebate/article/view/5084/3915>. Acesso em 29 jan. 2026.

BELMIRO, C. A. Textos visuais. In: Glossário Ceale: Termos de Alfabetização, Leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, 2014.

CADEMARTORI, L. O que é literatura infantil (2a ed.). São Paulo: Brasiliense, 2010.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. São Paulo: Duas Todavia, 2023 [1988].

CARDOSO, Elizabeth. Apresentação. In: NIKOLAJEVA, Maria. Poder, voz e subjetividade na literatura infantil. Tradução: Camila Werner. São Paulo: Perspectiva, 2023.

CARDOSO, Elizabeth. Escurecimentos literários: autoria de ancestralidade negra na fundação da literatura infantil brasileira. Odere. V. 8, n. 1, 2023. Disponível em: [file:///D:/Downloads/12396-Texto%20do%20artigo-37656-3-10-20230501%20\(1\).pdf](file:///D:/Downloads/12396-Texto%20do%20artigo-37656-3-10-20230501%20(1).pdf). Acesso em: 24 jan. 2026.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: Veneta, 2020.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. 1.ed. São Paulo, Ed. Moderna, 2000.

CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DEBUS, E. A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

EAGLETON, Terry. Como ler literatura. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: L&PM edições, 2020.

FANON, Franz. Peles negras, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 83-96.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Betina. Ilustrações de Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

hooks, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante; 2020.

HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade. Brasília, DF, 2006. p. 19-21.

LARROSA J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: Revista Brasileira da

Educação, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

LIMA, Anna Paula Bahia Pessanha; LIMA, Rogerio Mendes de. Literatura infantil e autorreconhecimento de crianças negras: Considerações sobre o livro O mundo no black power de Tayó. Revista Brasileira de Educação, v. 30, e300090, 2025. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782025300090>. Acesso em 29 jan. 2026.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar: 2020. p. 52-83. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1785>. Acesso em 28 jan. 2026.

LUZ, Ananda. A presença negra nos livros para as infâncias. In: Infâncias e leituras – Presenças negras na literatura infantil. PATAXÓ, Carina; Rosa, Sonia; LICÁ, Márcia et al (Orgs.). São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2024.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre a colonialidade do ser: contribuições para o desenvolvimento de um conceito. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIGNOLO, W. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

Mignolo, Walter D.; Traduzido por: Norte, Ângela Lopes Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: chromeextension://efaidnbmninnibpcajpcglclefindmkaj/https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em 22 jan. 2026.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. Revista Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu, v.1, n.1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>. Acesso em: 25 jan. 2026.

NAVAS, Diana; ALMEIDA, Luara. Bakhtiniana, Palavras e imagens literárias: aproximações entre histórias em quadrinhos e livros ilustrados. Revista Estudos do

Discurso, 19 (3). Jul-Sep. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-4573p63806https://www.scielo.br/j/bak/a/W3TYLxPRycL6ztCByq9QpRM/?lang=pt>. Acesso em 13 jan. 2026.

NIKOLAJEVA, Maria e SCOTT, Carole. Livro Ilustrado: palavras e imagens. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naif, 2011.

OLIVEIRA, Marcio da Silva. O Vergalho, de Machado de Assis – uma leitura sob a ótica das estratégias de dominação cultural e colonial. Revista Trama, volume 12, número 27, p. 313-333, 2016. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/14478>. Acesso em: 13 jan. 2026.

PIAUÍ, Juliana. Literatura para as infâncias no Brasil. In: Infâncias e leituras – Presenças negras na literatura infantil. PATAXÓ, Carina; Rosa, Sonia; LICÁ, Márcia et al (Orgs.). São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2024.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 116-142.

QUIJANO, Aníbal. “Dom Quixote e os Moinhos de Vento na América Latina”. In Araújo, Cícero e Amadeo, Javier (orgs). São Paulo: Ed Hucitec: Fapesb, 2009.

REIS, Diego. A colonialidade do saber: perspectivas decoloniais para repensar a univer(al)idade. Educação e Sociedade, 43, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.240967>. Acesso em 18 jan. 2026.

ROSEMBERG, Fúlvia Estudos sociais sobre a infância e direitos da criança. Cadernos de Pesquisa, 40 (141), 2010. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/141>. Acesso em 12 jan. 2026.

SHARPE, Christina. Algumas notas do dia a dia. São Paulo: Fósforo, 2023a.

SHARPE, Christina. No Vestígio: negritude e existência. São Paulo: Editora Ubu, 2023b.

SOUZA, Rayron Lenon; CARVALHO, Diógenes Bueno. Entre poéticas e escrevivências para a infância: o projeto literário negro-feminino na cena literária brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, (70), 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/7x7BCCJJT5dBbyKj8rdYWVS/?lang=pt>. Acesso em 22 jan. 2026.

TENÓRIO, Henrique. Senta a bunda: a bunda performática em videocliques de funk como indicativo de disputas interseccionais e de gênero musical. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Informação, 2021.